

INFORMÁTICA: MERCADO DE PCs VIVE NOVA ONDA DE AQUECIMENTO

www.forbesonline.com.br

Ano 5 - nº 88 - 22 de outubro de 2004 - R\$ 2,50
REVISTA BILUNAL DE NEGÓCIOS DA EDITORA JB S.A.

Forbes

Brasil



O bisturi da FORTUNA

Dr. Robert Rey

Cirurgião plástico brasileiro, com clínica milionária em Beverly Hills, é a estrela de *reality show* na TV americana

SUMÁRIO

NEGÓCIOS

- 24 **Computadores** – As vendas de PCs voltam a ficar aquecidas, diante da necessidade de atualização depois do boom de upgrades de 2000.
- 30 **Parcerias** – Casa Cor se viabiliza a partir do desejo mútuo de empresas e arquitetos de valorizar seus produtos e serviços.
- 37 **Novidades de Gaja** – Já chegaram ao mercado brasileiro, por nova importadora, as safras de maior destaque de Brunellos e Barollos.

DINHEIRO

- 40 **Maçãs na Govespa** – A empresa catarinense Renar, outrora familiar, abre o capital para alavancar mais exportações.

CAPA

14 De delinqüente no Brasil, o dr. Robert Roy vira estrela de reality show nos EUA



ROBERT ROY/REUTERS

QUANDO A VIDA REAL

Com uma história de vida que mistura elementos de personagens de ficção como Luke Skywalker de *Star Wars*, Scarlet O'Hara de *E o Vento Levou* e da vida real como Arnold Schwarzenegger, o brasileiro Robert Rey conquistou com o reality show sobre sua vida de cirurgião plástico em Beverly Hills o primeiro lugar em audiência do canal E! nos Estados Unidos e, enquanto a série estréia na América Latina, o jovem médico começa a filmar a Segunda temporada

Por ANDRÉA CIAFFONE

Embora discretamente instalada na parte de baixo do queixo, a cicatriz de cerca de três centímetros de certa forma destoa do visual sempre impecável do Dr. Robert Rey, estrela do reality show *Dr.90210*, programa líder de audiência do canal E! Entertainment nos EUA. Chega a ser intrigante o fato da cicatriz permanecer lá, no rosto do cirurgião plástico de 43 anos, que admite já ter corrigido seu perfil (diga-se nariz) e que declara não ter pudor algum em fazer aplicações regulares de botox no rosto. "Essa cicatriz é uma lembrança da infância", diz Rey, com um sorriso no rosto e uma sombra de melancolia no olhar.



VAI ALÉM DA FICÇÃO



Dr.90210

Resultado de uma queda aos oito anos ocorrida numa viagem com a família a Ilhabela, balneário de classe alta no litoral de São Paulo, a marca tornou-se uma espécie de amuleto para Robert. Funciona como uma testemunha do quanto dói cair de cara no chão e um lembrete do quanto é bom se recuperar das feridas e seguir em frente. Graças a essa força interior, o garoto carente que aos onze anos participou com alguns colegas do assalto a uma loja no bairro paulistano da Lapa é hoje o dono

de uma das clínicas de cirurgia plástica mais bem sucedidas de Beverly Hills — meca do cinema, da beleza e, claro, da cirurgia plástica — que fatura entre US\$ 4 milhões e US\$ 5 milhões por ano. "Nos bons dias chego a faturar mais de US\$ 100 mil", conta satisfeito o médico que trabalha alucinadamente das 7h às 23h de segunda a sexta-feira e um dia no fim de semana. No tempo livre, Robert Rey treina artes marciais — a conquista da faixa preta de taekwon do é uma das atrações da segunda temporada do programa Dr.90210 programada para estreiar em março nos EUA — e brinca com sua filha pequena e ri dos seus chihuahuas. O número no nome do seriado é o código postal de Beverly Hills e o seriado poderá ser visto a partir do dia 17 deste mês, todos os domingos às 20h no canal por assinatura E!, especializado em entretenimento.

Entre ao assalto e o show, Robert Rey foi adotado por uma família norte-americana, estudou em Harvard e na UCLA e hoje é um sucesso tanto como cirur-

ção quanto como protagonista de seriado de TV. Nessa versão abreviada, a história de Robert Rey parece coisa de Cinderela, com a diferença de que em vez de um vestido diáfano e uma varinha, sua "fada madrinha" usava as roupas sóbrias dos missionários mórmons de Utah.

Entretanto, quando conhecida em detalhes, a vida de Robert tem muito mais em comum com a trajetória de Luke Skywalker, personagem central da saga

profissional e desatar o nó emocional da relação com o pai. Esse roteiro se aplica tanto a Luke Skywalker e Darth Vader quanto a Robert Rey e seu pai, de quem herdou o nome. Com a diferença de que o embate e a conciliação final não ocorreram na vida real. "Nunca tive afinidade com meu pai. Mal conversávamos e todas as tentativas de aproximação foram infrutíferas."

Robert Miguel Rey (pai) nasceu nos em Nova York em 1918, quando os Esta-

deserto travava a engrenagem. Meu pai inventou um sistema que resolvia esse problema e que foi fundamental para vitória do general Patton. Por isso, ele recebeu uma carta do presidente Truman", conta num tom que mistura orgulho e amargura. "Pena que ele desperdiçou tanto talento", arrematou Robert.

No pós-guerra, já trabalhando para a Ford, Robert Rey foi transferido para o Brasil devido à sua herança latina. Quis o destino que o jovem norte-americano alto, de olhos e cabelos escuros e que havia combatido os alemães viesse a conhecer nesta terra que tem palmeiras onde canta o sabiá, uma jovem de aparência nada tropical. Loura, de olhos azuis e com um sobrenome que não escondia sua ascendência germânica, Avelina Reisdörfer era brasileira de Ijuí, uma pequena cidade gaúcha perto de Santa Rosa. A paixão com a jovem 12 anos mais nova, seguiu o casamento, a mudança para São Paulo e a chegada dos filhos. A primeira foi Walkíria, hoje Public Relations da United Airlines, a segunda foi Valdívia, que estudou psicologia familiar em Harvard. Nascido em 1º de outubro de 1961, o terceiro filho era o menino que foi



Luke Skywalker e Darth Vader: relação tensa na ficção que é uma alegoria da realidade

cinematográfica Star Wars. Criada pelo diretor George Lucas, a fábula espacial conta a trajetória do garoto com uma imagem contraditória sobre seu pai, misto de admiração pela competência técnica e ressentimento por sua ausência e pelas escolhas (erradas) que fez na vida. O jovem morava num planeta quente e distante do centro brilhante da galáxia e, graças ao encontro com um mentor, foi lançado no centro de acontecimentos importantes, passou por longos anos de estudo, treino e busca de equilíbrio para alcançar o reconhecimento

dos Unidos viviam a fase de desenvolvimento acelerado que seguiu à vitória aliada na Primeira Guerra Mundial. A despeito do preconceito por sua origem latina e católica, Rey graduou-se em primeiro lugar na sua turma de engenharia da New York University. "Meu pai era um gênio da engenharia", diz seu filho. "Durante a Segunda Guerra, ele serviu na Força Aérea norte-americana no B-17, que ficou conhecido como a Fortaleza do Ar, no norte da África. Quando os B-17 baixavam para bombardear as tropas alemãs lideradas por Rummel, o pó do

batizado com o nome do pai: Robert Miguel Rey Junior. O caçula, também menino, estudou cinema no Art Center de Pasadena, Califórnia.

Entretanto, no início dos anos 70, o destino das crianças Rey era dramaticamente obscuro. Diante dos altos e baixos financeiros da família (os baixos eram mais frequentes) e do misto de violência e descaso do pai dentro de casa, o pequeno Robert encontrava muito mais estímulo em vagar com a molecada do bairro do que em estudar. Aos onze anos, participou de um assalto. "As



Cansada de humilhações e dificuldades, Scarlett O'Hara decide revidar

vezes penso que se não tivesse sido adotado eu provavelmente acabaria um delinqüente drogado, talvez teria ido parar na cadeia ou até já estivesse morto", confessa o protagonista de um dos programas de maior sucesso da TV norte-americana que trata justamente da obsessão pela saúde e pela beleza característica de Hollywood.

"A despeito de ter uma família, meu pai preferia torrar seu dinheiro fora de casa, com amantes, festas, carros. Era um pai abusivo. Mesmo em criança eu evitava o contato com ele", conta Robert. O pai trabalhava no ABC, mas alugou para a família um apartamento modesto no bairro da Lapa, em São Paulo. "A primeira cama de verdade em que me lembro de ter dormido foi quando fui morar nos EUA", diz.

Um dia, a campainha do apartamento tocou e, contra seu costume, Robert pai foi atender. Eram missionários mórmons. "Meu pai não era nada religioso, mas deixou os missionários entrarem, talvez porque estivesse com saudades de conversar em inglês com compatriotas norte-americanos. A partir deste dia, as visitas do missionário passaram a ocorrer com regularidade. Diante das condições em que vivíamos, um dia esse mis-

sionário sugeriu a meu pai que nos desse, os quatro, em adoção para que fossemos para os EUA morar com sua família, onde teríamos melhores condições de vida. Minha mãe obviamente não queria ficar longe dos filhos, mas havia



De héroi nas telas, Schwarzenegger virou governador

sido criada para ser submissa e acabou concordando", relata Rey, que aos 12 anos foi morar em Utah.

O missionário chamava-se Orson Scott Card, hoje escritor com 42 livros publicados e um prêmio Pulitzer no currículo. "Hoje Scott é milionário, mas desde seus tempos de missionário ele já fazia coisas que iam muito além do que os missionários comuns eram capazes de fazer", analisa Rey.

O missionário era enfático ao incentivar as crianças Rey a terem contato com literatura e a participar de aulas de teatro. "Scott tinha uma pequena companhia de teatro e parte das nossas tarefas era ajudar nas produções ou atuar", conta.

"No final das contas, toda aquela porcaria que eu detestava acabou me ajudando bastante na juventude porque obtive notas suficientemente altas no exame de seleção para a Universidade que me permitiram cursar a universidade pública", diz o médico que fez os quatro

anos de college na Arizona State. "Entrei em Cornell, mas não tinha dinheiro para pagar a faculdade privada, então optei pela pública." A estas alturas os irmãos Rey já estavam morando no Arizona com D. Avelina, que depois quatro anos sem seus filhos conseguiu juntar dinheiro e fugir do marido para encontrá-los nos EUA.

"Saímos da casa de Scott e fomos para o Arizona onde minha mãe literalmente lavava latrinas para sustentar a casa. Parece coisa de filme, mas infelizmente aconteceu na vida real." Mas a herança dos anos em Utah ecoou por muito tempo na vida de Robert Jr. "O teatro ajudou quando atuei em comerciais que me ajudaram a pagar a faculdade e me aju-

dam até hoje com o show", diz Rey que pertence ao Screen Actors Guild (sindicato dos atores) desde 1978. Depois da Arizona State, Rey foi para Harvard fazer os quatro anos de Graduate School em medicina. Depois, foram mais quatro anos como residente de cirurgia geral na University of California at Los Angeles (-UCLA). "O exército manda seus cirurgiões para treinar em Los Angeles porque lá se vêem traumas que só são vistos em guerras." Depois, Robert passou por mais dois anos de especialização em cirurgia reconstrutiva e outros dois na especialização em cirurgia plástica em Harvard.

Durante seus anos numa das mais tradicionais universidades do planeta, Rey sentiu na pele o preconceito por sua herança latina associada ao fato de não ser um herdeiro milionário como a maior parte dos seus colegas. Robert foi contemporâneo do filho do primeiro ministro da Alemanha Helmut Kohl, das herdeiras Dunlop entre outros ricos e poderosos. Famosa por ser um reduto "W.A.S.P." (white, anglo-saxon protestant), na teoria Harvard não faz distinção de cor, raça ou credo. Na prática, entretanto, ser brasileiro, latino, ter formação católica e praticar a religião mórmon não ajudava Robert em nada nas relações interpessoais com seus colegas. "Comecei a sair com uma garota linda, adorável, que por acaso era herdeira de uma marca mundial e riquíssima. Depois de alguns encontros muito promissores, ela foi remexer na minha carteira e viu meu nome completo: Robert Miguel Rey Jr. Daquele dia em diante ela nunca mais saiu comigo." Robert admite que essas coisas o magoaram muito, mas destaca que tiveram um importan-

Reality shows cada

Além de viver sua própria vida — o que geralmente não é nada fácil — o telespectador médio gosta de observar de perto outras vidas. Por décadas isso ocorreu por meio dos acontecimentos a personagens de ficção de filmes, seriados e novelas. Um dos maiores sucessos televisivos de todos os tempos foi o seriado *Love Lucy*, estrelado por Lucille Ball e seu ma-

nasoceram os reality shows, uma tendência do mundo do entretenimento que está longe de alcançar sua exatidão. "Você não pode ir contra o desejo dos espectadores. É preciso seguir as tendências e estar atento à sua evolução", diz o diretor para América Latina do canal E!, Alfredo Durán. "É possível que os reality shows acabem desaparecendo, mas o que é certo é que eles vão mudar para atender às expectativas da audiência. É inevitável", avalia.

Inicialmente o voyeurismo televisivo adotou um formato ainda bastante ligado ao show e não exatamente mergulhado na vida real que se define pela fórmula tomada clássica pelo Big Brother e também utilizada por sucessos como Survivor: pessoas comuns (porém escolhidas a dedo para serem agradáveis de se ver), colocadas numa situação de exceção (obrigadas a conviver em um mesmo espaço) e participando de um jogo com prêmio em dinheiro. A diferença dos programas de ficção era que não havia script, embora fosse certo que haveria conflito. O programa faz um sucesso estrondoso em todos os países onde é produzido. No Brasil, onde raramente as pessoas compram pacotes de programação especial, a procura de assinantes que não se satisfazem com a versão editada e querem acompanhar todos os momentos chega a surpreender.

Em poucos anos, a dose de realismo se mostrou insuficiente. Aí veio o passo seguinte: permitir ao espectador médio ver como são as coisas na casa de uma pessoa famosa e muito excêntrica. A solução ideal para isso foi a criação do seriado "The Osbournes", que retrata a peculiar (para não dizer estranha) rotina na casa de do cantor de rock Ozzy Osbourne, ex-líder do Black Sabbath.

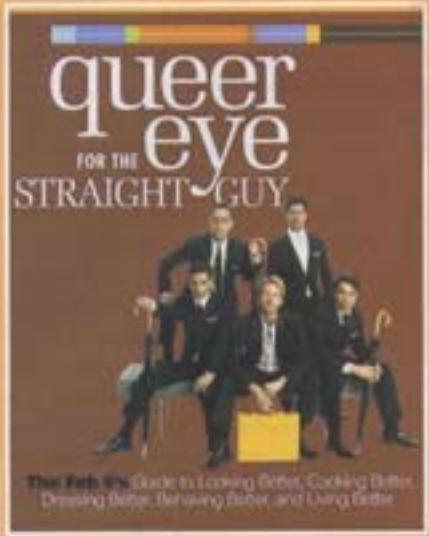
Entretanto, acompanhar por dentro a vida de gente famosa, embora agradável, ainda tinha um toque ficção que atrapalhava a satisfação pela sede de realidade. Assim, surgiram os programas que, em maior ou menor medida,



nido na vida real. Desi Arnaz. Mesmo assim, tratava-se de um "cômbiano" tão idealizado que estava claro que era ficção e estava a apenas um passo de histórias totalmente fantásticas sobre a vida em família como *A Feticheira* e *Jennie é um Gênio*.

Só que na virada do milênio os conflitos "de mentirinha" já não satisfaziam as audiências como acontecia nos anos 60, era preciso ver gente de verdade. Dessa sede por testemunhar que os problemas e dificuldades existem para todos,

vez mais realistas



metem à repaginação proposta pelo programa saíam com visual muito parecido no final do processo: uma mistura de Barbie com Ana Maria Braga nem sempre fácil de digerir. Mesmo assim, com aparência muito melhor do que a inicial.

Mas, assistir outras pessoas passarem pelo processo (também de exceção) de mudar roupas, cabelo, rosto e corpo não era o bastante. Hollywood descobriu que as pessoas queriam viver a vida de gente de verdade. Nessa mais recente evolução do gênero reality show, surgiu a idéia do seriado Dr.90210, que acompanhar a vida de verdade de uma cirurgiã plástica de Beverly Hills — algo glamoroso o bastante

alteravam a vida real de pessoas comuns. Nesse grupo está o hilário "The Queer Eye for the Straight Guy", sucesso da TV norte-americana em que uma equipe multidisciplinar gay promove, entre gritinhos e críticas mordazes, uma completa remodelação da vida de um sujeito comum e heterossexual. Mudam cabelo, roupas, a decoração da casa e outros aspectos estéticos. No caso dos programas The Bachelor e The Bachelorette, em que as pessoas procuram alguém com quem casar, a mudança é mais profunda, mas ainda assim, reversível. Mas, como diziam as vovós, toda brincadeira é válida até que alguém saia sangrando.

Programas como Extreme Makeover, cruzam essa fronteira. Em geral para o bem, embora quase todas as mulheres que se sub-

te para atrair a atenção dos mortais comuns mas suficientemente real para satisfazer o apetite por observar a realidade de outrem. Talvez seja por isso que o show tenha alcançado o primeiro lugar de audiência num canal dedicado a mostrar os bastidores do mundo do entretenimento. "Estamos extremamente contentes com as vendas de espaço publicitário. Obtivemos um aumento 20% superior ao esperado na região e o Dr.90210 foi uma das alavancas deste crescimento", afirma Duran. Outro importante indicador do sucesso da série — e do quanto as pessoas gostam de observar a vida alheia — é o fato de que a segunda temporada da série tem o início das gravação marcado ainda para outubro.



te valor didático. "Cada vez que me colocavam para baixo, a humilhação me dava ainda mais motivação para vencer", diz Rey num tom que faz lembrar a famosa seqüência de E o Vento Levou em que Scarlett O'Hara decide nunca mais se deixar humilhar e jura nunca mais passar fome.

"Todo o treinamento que recebi em Boston era no sentido de desenvolver fazer dos alunos pessoas frias, não emocionais. Não preciso dizer que foram anos de professores tentando arrancar a brasilidade, o jeito de ser mais caloroso, de dentro de mim. Graças a Deus eles não conseguiram. Sempre soube que isso seria um diferencial", descreve Rey. "O desenvolvimento tecnológico é fantástico, mas ao mesmo tempo em que ele ocorre, a medicina perde sua arte. Os médicos estão perdendo a arte do toque. Há estudos de placebo que provam que a recuperação é mais rápida quando os médicos tocam seus pacientes, quando os reconhecem como pessoas e estabelecem relações. Infelizmente boa parte dos médicos norte-americanos simplesmente regurgitam conhecimento científico, mas não buscam a dimensão humana", critica.

"Terminei meus estudos em Harvard e decidi ir para Beverly Hills. Meus professores todos diziam que era uma loucura. Existem 3.700 cirurgiões plásticos no mundo e um em cada doze está em Beverly Hills. Mas era para lá que eu queria ir, queria conquistar o topo da montanha mais alta, que no meu caso era o mercado mais competitivo do planeta".

Quando saiu de Boston rumo oeste, aos 36 anos, tudo o que Robert Rey possuía no mundo cabia no porta-malas do seu Mustang dos anos 70. "Na verdade, eu tinha menos que isso porque eu devia US\$ 200 mil do financiamento dos meus estudos", lembra o médico. A despeito disso tudo e confiante na técnica cirúrgica que aperfeiçoou na faculdade que reduzia dramaticamente as cicatrizes nos procedimentos, Robert se insta-